

Cabo Verde ano um



O CAMINHO MARÍTIMO PARA O P.A.I.G.C.

Cabo Verde conhece hoje o primeiro dia de liberdade. Para nós portugueses em Cabo Verde constituiu sempre um arquipélago em pleno Atlântico, com tantas ilhas que na 4.ª classe nos obrigavam a decorar-lhes o nome. Na memória destas mãos ficaram ainda algumas palmatoadas, porque não sabiam os nomes das ilhas de Sotaventô.

Cabo Verde foi um mistério que a informação fascista impediu se desvendasse. É verdade que chegou «Hora di Bai» de Manuel Ferreira, é verdade que a «Aventura Crioula» foi a nova descoberta das ilhas cabo-verdianas feitas por um português, mas o povo de Lisboa esquecia as secas, os milhares de mortos à fome.

Para os lisboetas que atravessavam o Rossio com camisa de terylene como o cabo-verdiano Daniel Filipe cantava, Cabo Verde era o Tarrafal onde pereceram tantos patriotas portugueses.

Em 1956, Amílcar Cabral e mais cinco companheiros fundam, em Bissau, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

Quando na década de sessenta os homens e as mulheres portuguesas descobrem o caminho marítimo para França, na Rocha do Conde de Obidos começam a escutar-se as detonações das granadas lançadas pelos guerrilheiros do P. A. I. G. C..

A luta de libertação nacional fora desencadeada pelo campesinato da Guiné-Bissau, que assim assumia o seu destino histórico. Na mira das «calachis» vislumbrava-se também a libertação de Cabo Verde como alvo.

«Homens, mulheres e crianças de Cabo Verde! Povo de Cabo Verde! Chegou a hora de mostrar à África e ao Mundo que queremos a nossa dignidade de homens e de africanos! que não queremos a vida de miséria, de fome e de sofrimento que nos dão os colonialistas portugueses! Sob a bandeira gloriosa do nosso Partido, de mãos dadas com os nossos irmãos da Guiné, vamos reconquistar a nossa dignidade de homens e de africanos. Avante na nossa luta de Libertação!»

As palavras são de Amílcar Cabral, revolucionário patriota que soube traçar, apoiando-se no povo, o percurso para a liberdade.

Em 1973 surge-nos esse livro espantoso — «Voz de Prisão» de Manuel Ferreira, e Lisboa está inundada de cabo-verdianos. Nos andares da construção civil descobrem-se os braços negros que fugiram à seca e à morte. Foi esta a rota marítima que nos levou a esse país despido no meio do mar e que hoje diz em liberdade o seu nome: «Cabo Verde».

Para muitos de nós o P. A. I. G. C., sabiamo-lo às escondidas, era de facto o povo das mornas e coladeiras. Apesar de o «post» 25 de Abril ter gerado a U. D. C. (União Democrática de Cabo Verde), que congregava grandes proprietários, comerciantes, altos funcionários e membros do clero, sabia-se que esta união incluía Spínola. Para estes portugueses que somos não nos surpreendeu que a U. P. I. V. C. (União do Povo das Ilhas de Cabo Verde), fundada nos Estados Unidos em 1959, se tenha transformado em 23 de Maio último na Frente Popular de Libertação. A Frente incluía também as manobras neocoloniais («made in USA») de Spínola.

Eis como não surpreende que o povo cabo-verdiano tenha estado com o P. A. I. G. C..

Pedro Pires, responsável nacional do Partido no arquipélago, anunciava há dias que a independência seria assegurada pelo Exército Popular já em formação, pela Marinha, Força Aérea, e, sobretudo, pelo povo cabo-verdiano organizado pela sua vanguarda: — o P.A.I.G.C.

Hoje são sepultados nas ilhas de Cabo Verde 500 anos de colonialismo. Abre-se uma nova época, onde a movimentação popular provará que a fome não é inevitável. As trinta mil vítimas da grande fome de 1947/1948 ficaram hoje vingadas. Porque o povo conquistou o seu destino. Ao inserirmos nesta edição uma série de textos sobre o País insular que hoje nasce, queremos manifestar aqui a nossa solidariedade militante para com o povo cabo-verdiano, e percorrer em liberdade a longa descoberta do caminho marítimo para Cabo Verde. Um caminho que é também o do povo português na sua luta contra a opressão.

JOSÉ A. SALVADOR

Unidade Guiné-Cabo Verde

Por AMILCAR CABRAL

Só as manobras imperialistas poderiam impedir a unidade entre a República da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Em 1969, Amílcar Cabral sublinhou isso mesmo, durante um seminário político para quadros do P. A. I. G. C.. Da sua intervenção, a propósito da unidade entre os dois países, passamos a transcrever dois extractos:

«É evidente que os problemas da unidade da Guiné e de Cabo Verde não são para nós, um capricho. E não porque Amílcar Cabral seja filho de cabo-verdianos, nascido em Bafatá. É certo que Cabral ama muito o povo guineense. E o povo cabo-verdiano, também. Mas não é por isto que defendemos a unidade.

«Vi morrer à fome gente de Cabo Verde, vi morrer gente na Guiné à bofetada aos pontapés, em trabalhos forçados. Esta a razão da minha revolta.

O fundamental, porém, da luta pela unidade da Guiné e de Cabo Verde, é a sua própria natureza. São idênticos os interesses que nos conduzem, em relação à Guiné e Cabo Verde.

«Todo aquele que não é ignorante e que, seriamente, estuda os problemas, que conhece a história a fundo, tanto do ponto de vista das diferentes etnias do nosso país (quer da Guiné quer de Cabo Verde), como do ângulo da história colonial, essa pessoa, se está interessada no avanço conjunto do nosso povo, não pode ser senão favorável à unidade.

«Para além disto e ainda no âmbito das possibilidades concretas de luta no nosso país (seja na Guiné, seja em Cabo Verde) quem quer que seja, desde que queira empenhar-se seriamente (como o P. A. I. G. C. que chegou à luta e nela continua) pode, pela análise e pelo estudo, compreender o problema a fundo.

«A luta da Guiné não seria possível se não estivéssemos unidos em redor do P. A. I. G. C.; também em Cabo Verde essa luta não será possível sem essa mesma união.

«Uma prova concreta deste facto? Não somente: nenhum movimento pode progredir, reunindo apenas os naturais da Guiné.

«É, por acaso, conhecido algum?»

«O mesmo se pode afirmar para Cabo Verde. Isto significa, pois, que a nossa análise foi correcta, sobretudo se ob-

servarmos as perspectivas do nosso país, como entidade económica e política, viável em África e capaz de efectivamente se realizar numa via nova.

«É evidente que todos os que lutam pela unidade africana compreendem que nós constituímos, com a Tanzânia que provém da união do Tanganica e do Zanzibar, um exemplo único.

«Falar de luta pela unidade da Guiné e Cabo Verde, é um falso problema, já que pela sua história, a geografia e as tendências económicas, por tudo em suma, a é pelo sangue, a Guiné e Cabo Verde constituem um todo». Só os ignorantes desconhecem isto. (...) Quer do ponto de vista histórico, da realidade da nossa vida passada, do conhecimento de interesses do nosso povo e dos povos de toda a África, quer na questão da estratégia de luta, não há independência da Guiné sem a independência da Cabo Verde.

«Pela mesma ordem de ideias não haverá independência da República da Guiné, do Senegal, de Mauritânia, se eles quiserem ser o país que pretendem.

Só os que não compreendem nada de estratégia podem pensar que esta África pode ser independente, enquanto Cabo Verde continuar ocupado pelos colonialistas. É impossível.

«Ao contrário, não pode haver verdadeira independência de Cabo Verde sem que o mesmo ocorra não só Guiné como em toda a África.

«Quem quer que seja que coloque os interesses do povo acima dos seus próprios interesses, a análise seria de preferência ao capricho e à ambição, apenas pode concluir que um dos actos mais importantes do grupo que criou o P. A. I. G. C. foi estabelecer como base fundamental o lema: Unidade e Luta; Unidade na Guiné, Unidade em Cabo Verde; Unidade na Guiné e Cabo Verde.

«Numerosas forças amigas começaram já a tomar conhecimento disso. Da mesma forma que os inimigos, aliás.

«Hoje, a preocupação dos imperialistas é: 'Cabral aceita ou não aceita a independência da Guiné sem Cabo Verde?'

«É esta a sua grande preocupação. É isto o que os imperialistas querem saber. E eu respondo: 'Encarregai os portugueses de me perguntar; vos não sois portugueses'.

«Com efeito, eles sabem muito bem a importância da nossa unidade. Um dia um dirigente africano disse-me: 'Sois inteligentes'. Perguntei-lhe porque e ele observou: «Conheço bem o povo da Guiné e de Cabo Verde. Se conseguirdes concretizar o que projectais, apesar das escassas dimensões do vosso território, sereis certamente um país forte no seio de África'.

«Vamos ver», respondi-lhe.

«Na verdade, a criação do P. A. I. G. C., nas linhas que acabo de traçar, foi a maior realização do nosso povo na conquista da liberdade e na construção do progresso e felicidade para a Guiné e Cabo Verde».

